

19

BULLETIN
DE LA SOCIÉTÉ PORTUGAISE
DES SCIENCES NATURELLES

TOME XV

1947

N.º 23

SEPARATA

ALGUNS ASPECTOS DA 4.ª CAMPANHA
DA MISSÃO ANTROPOLÓGICA DE MOÇAMBIQUE

POR

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

(Instituto de Antropologia, Faculdade de Ciências, Porto)

LISBOA



3)
72(679)(04)
AN

BULLETIN DE LA SOCIÉTÉ PORTUGAISE DES SCIENCES NATURELLES

TOME XV

1947

N.º 23

Empresa Industrial Gráfica do Porto, L.da — 174, Rua dos Mártires da Liberdade, 178

ALGUNS ASPECTOS DA 4.^a CAMPANHA DA MISSÃO ANTROPOLÓGICA DE MOÇAMBIQUE *

POR

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

(*Instituto de Antropologia, Faculdade de Ciências, Porto*)



Barceliana Penn.

Em 1946, de Maio a Novembro, fez-se mais uma campanha da «Missão Antropológica de Moçambique» (1).

À passagem por Angola o navio demorou dois dias e meio no porto do Lobito. Resolvi aproveitar o tempo e trabalhei no posto da Canata, que fica a 5 km do porto. Ali examinei 70 pretos, entre os quais apurei a seguinte distribuição tribal: *Chibundos* 31, *Canguendes* ou *Ganguendes* 14, *Ganguelas* 6, *Chicombas* 5, *Musselas* 4, *Chibalas* ou *Quibalas* 4, *Chilengues* 3 e *Chissanges* 3.

Eram todos delinquentes e estavam presos na cadeia do posto. É preciso dizer-se que na área da Canata vivem cerca de 12.000 pretos, população flutuante na sua quase totalidade.

* Palestra efectuada na reunião de 28 de Março de 1947, da *Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais*. Original enviado à Redacção em 15 de Dezembro de 1947.

(1) A Missão foi criada em 1936 pelo ilustre Ministro das colónias de então Sr. Dr. FRANCISCO VIEIRA MACHADO. Nesse mesmo ano se realizou a 1.^a campanha. Em 1937 a 2.^a, só em 1945 a 3.^a e em 1946 a 4.^a. Do modo como têm decorrido os trabalhos pode ajuizar-se pela lista bibliográfica que vai em anexo.

Medimos 20 *chibundos* dos quais uns se diziam *Cacondas* outros *Quingenges* e outros *Bailundos*. Supondo que poderíamos atingir pelo menos a vintena, medimos também 14 *Ganguendes*. Como quase sempre sucede, surgiram embaraços de vária ordem no inquérito do grupo tribal de cada um dos pretos observados. Ao fim de muito tempo com os ajudantes da Missão Ten.^{te} SIMÕES ALBERTO e NORBERTO SANTOS auxiliados pelo chefe e pelo aspirante do posto da Canata, respectivamente Srs. JORGE AQUILES CARVALHO VILA NOVA e CÉSAR DE SOUSA SALVADOR, conseguimos averiguar com segurança a tribo de cada um, e chegou-se à conclusão, sujeita, como é natural, a rectificação ulterior, que o termo *Chibundo* é nome de tribo. O intérprete insistia em dizer sempre: «*chibundo* é nação de preto que fala a mesma língua, que chama *ambundo*» (1).

Não sem pequeno trabalho apurou-se, ao menos foram unânimes as declarações de alguns pretos sobre o caso, que a tal «nação de preto» *chibundo* engloba *Bailundos*, *Biés*, *Cacondas*, *Quingenges*, *Bailombos*, *Quimbales* e *Caluquembes*.

Pelo que respeita aos *Canguendes* disseram-nos ser «nação de pretos que fala a língua *ganguende*». Averiguamos ainda que se dedicam especialmente ao fabrico de carvão, que fazem sobretudo das plantas conhecidas pelos nomes indígenas de «Ganga» e «Candeia».

À parte os núcleos populacionais da Canata, Egipto e Lobito Velho, em relação directa com as necessidades de mão de obra do movimento crescente do porto e respectivo caminho de ferro, os pretos que vivem mais perto de Lobito, segundo informe do chefe de Posto Sr. VILA NOVA, são os *Chilengues* ou *Quilengues*, que se dedicam quase exclusivamente ao pastoreio e vivem a cerca de 70 km da costa. Numa faixa costeira com esta largura não há terrenos aráveis, e falta a água por completo. É uma zona deserta.

Na minha passagem por Angola tive o grato ensejo de estudar as duas pequenas séries de *Chibundos* e *Ganguendes*, e

(1) Segundo o dizer do intérprete do posto da Canata a designação cafreal da língua é *ambundo* e não *umbundo* ou *quimbundo*. Com vista aos filólogos.

ainda a sorte de descobrir uma estação pré-histórica. Esta foi descoberta nas obras do porto de Luanda.

Por acaso o navio em que viajavamos atracou ao novo cais do porto da capital de Angola no sítio onde se construíam vastos armazéns. Para aquelas importantes obras o comboio descarregava alguns vagões de calhaus rolado sobre grandes montes do mesmo, que se estendiam ao longo da linha.

Mal desembarquei e dei com os olhos naqueles montes de calhaus rolados, de tamanho médio de ovos de galinha, com outros muitos, maiores e menores, à mistura, naturalmente pus-me a examiná-los com atenção. O primeiro quarto de hora de pesquisa infrutífera não me fez desanimar. Prossegui na faina, que tanto impressionava os circunstantes, de catar minuciosamente aquela enorme cascalheira. Encontrei alguns calhaus grosseiramente lascados e apenas um verdadeiro instrumento, um pequeno «coup-de-poing». Este material era suficiente para me fazer suspeitar de que no local donde provinham os calhaus, o Calumbo, na margem do Quanza, devia existir uma estação paleolítica.

Circunstâncias várias não permitiram que naquela altura, Junho de 1946, fosse ao Calumbo como era meu desejo e cheguei a projectar. Porém, volvidos 5 meses, em Novembro, a quando do regresso à metrópole, e graças à amabilidade do Senhor Governador Geral, Comandante VASCO LOPES ALVES, que pôs à minha disposição dois automóveis, um deles de apoio e reserva, pude ir ao Calumbo. Essa excursão foi combinada com o Sr. Eng.º HENRIQUE VIEIRA, que, com verdadeira paixão, superiormente dirige os «Serviços de Geologia e Minas da Colónia de Angola».

Partimos às 5 horas da madrugada. A estrada segue o planalto de Luanda quase sem árvores. Entre a vegetação escassa avultam os Imbondeiros, grande número dos quais ainda pequenos, e alguns Cajoeiros. Impressiona aquela desarborização. Informaram-me ser consequência dos gastos de lenha na capital da colónia. Chegámos ao Calumbo muito antes da meia manhã. A chegada ao Quanza é impressionante. Vastidão enorme resultante da acção erosiva do rio que, num trabalho ciclópico, desgastou a orla do planalto, criando aquele enorme baixio pantanoso, que o Quanza alaga na época das cheias.

Lá está a trincheira de arranque dos calhaus rolados para as obras do porto. Tem de altura uns 8 a 10 metros.

Na linha que separa os calhaus rolados da camada de areias vermelhas que os recobre encontrei uma estação de tipo clactonense, indústria de lascas de quartzo muito abundantes, e alguns instrumentos, tais como machadinhas e discos circulares. No meio de muitas lascas afeiçoadas, separei alguns crescentes.

Enquanto eu, no alto do talude, entusiasmado, colhia abundante material clactonense, o ajudante da Missão NORBERTO DOS SANTOS descobriu a estação paleolítica da base. Os instrumentos por ele colhidos, talhados a grandes lascas e muito rolados, permitem atribuir-lhe a classificação provisória de paleolítico antigo. Entre as peças paleolíticas havia dois ou três magníficos «coup-de-poings».

Os materiais que achámos entregamo-los, muito gostosamente, aos Srs. Eng.^{os} HENRIQUE VIEIRA e FERNANDO MOUTA que, certamente, não deixarão de prosseguir nas pesquisas que em hora feliz tivemos a sorte de iniciar.

Dá-se a circunstância de a descoberta do Calumbo rejuvenescer aquela jazida quaternária, que, segundo informava o Sr. Eng.^o HENRIQUE VIEIRA era considerada como terciária. O achado das estações líticas do Calumbo trás novos elementos para o estabelecimento da cronologia das areias vermelhas que recobrem a jazida dos calhaus rolados. O seu estudo comparado com as areias vermelhas dos arredores de Luanda não deixará de ter certo interesse geológico.

O aspecto curioso desta descoberta é o ter sido feita nas obras do porto de Luanda. Outro tanto me sucedeu no porto da Beira, onde, na brita da linha do caminho de ferro, vi alguns sílices mais ou menos rolados. A natureza deste material levou-me a passear ao longo da linha em observação cuidadosa. Encontrei uma meia dúzia de instrumentos que permitem admitir a existência duma estação pre-histórica no Chiluvo, local de procedência daquele material. O Chiluvo fica para além de Vila Machado, a cerca de 120 km de distância da Beira. Espero lá ir na primeira oportunidade.

Chegámos à ilha de Moçambique, término da nossa viagem, em 12 de Julho de 1946. Gastámos desde Leixões 51 dias! A demora resultou, em grande parte, do acidente de navegação que tivemos em Moçâmedes. Em consequência da cerração o

navio abalroou com a costa. Felizmente sem consequências de maior, como se verificou depois, em Cape Town, no exame que, na doca seca, foi feito ao costado.

Após o desembarque na ilha de Moçambique seguimos para Nampula, capital da província do Niassa, donde partimos para o interior, tendo percorrido um certo número de circunscrições das províncias da Zambézia e do Niassa (figs. 1 e 2).

Nem eu nem os meus cinco companheiros nos poupámos a fadigas e canseiras, de modo a aproveitar ao máximo o tempo de que dispúnhamos.

Vejam os alguns aspectos dos estudos efectuados durante os trabalhos de campo da 4.^a campanha da «Missão Antropológica de Moçambique».

ANTROPOLOGIA FÍSICA OU SOMATOLOGIA

A seu tempo darei, para cada uma das vinte tribos examinadas, o conjunto dos seus caracteres descritivos e merísticos que, tanto uns como outros, nos mereceram especial cuidado e meticolosa observação e registo.

No quadro da página seguinte procuro mostrar, o mais sucintamente possível, o que se fez no capítulo da Somatologia.

Estão já determinados alguns milhares de índices. Prosseguirei na tarefa dentro das possibilidades do tempo que as minhas funções docentes me deixarem livre. Lamento não poder dedicar-me ao estudo de todos os materiais colhidos pela Missão em regime de «full-time».

PSICOTECNIA

Na 3.^a campanha da missão, realizada em 1945, iniciaram-se os trabalhos de Psicotecnia. Ficaram a cargo do Sr. Dr. ANTÓNIO BARRADAS, médico e professor do liceu de Lourenço Marques, que, até agora, não me apresentou os resultados desses trabalhos.

O adjunto da 4.^a campanha foi o Sr. Dr. ANTÓNIO AUGUSTO, antigo inspector escolar da colónia de Moçambique.

A este excelente colaborador, dotado de notáveis qualidades de trabalho, dedicação e aprumo moral, foi atribuída a secção de Psicotecnia.

QUADRO COM A RESENHA DAS TRIBOS OBSERVADAS
E DO NÚMERO DE INDIVÍDUOS EXAMINADOS

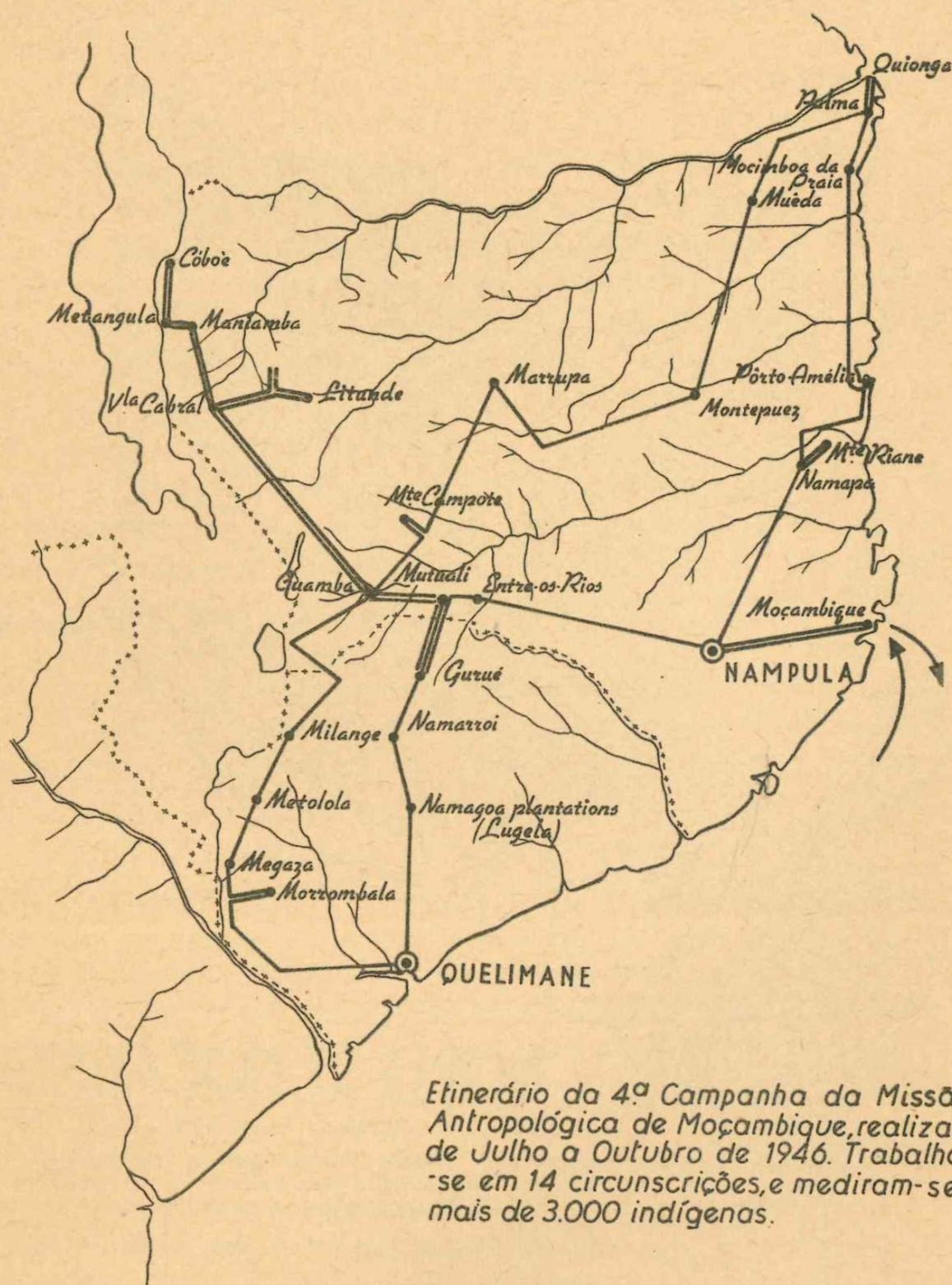
Tribos	Circunscrição ou concelho	Povoação	Caracteres merísticos N.º de casos			Caracteres descritivos N.º de casos		
			♂	♀	Total	♂	♀	Tot.
Macuas	Conc. Moçamb.	Ilha de Moçamb.	38	8	46	—	—	—
»	Porto Amélia	Sede	25	25	50	—	—	—
Macás	Conc. Moçamb.	Ilha de Moçamb.	11	21	32	—	—	—
Cherimas	Malema	Sede	40	26	66	40	26	66
»	»	Mutuáli	65	—	65	26	—	25
Lómuês	Gurué	Sede	55	62	117	20	25	45
»	»	Namúli	—	20	20	—	—	—
»	Namarroi	Sede (1)	100	65	165	27	25	52
»	Lugela	Namagoa	70	30	100	23	20	43
»	Cuamba	Sede	20	20	40	—	—	—
Tacuanes	Lugela	Namagoa	69	—	69	22	—	22
»	Milange	Liciro	—	72	72	—	20	20
Alolos	Morrambala	Sede (2)	100	36	136	25	—	25
»	»	Metolola	40	42	82	—	—	—
Arrambalas	»	Sede	74	40	114	—	—	—
Manganjas	»	Megaza	26	25	51	—	—	—
Senas	»	»	8	—	8	—	—	—
Marenges	Milange	Sede	28	—	28	20	—	20
»	»	Nhazombe	20	54	74	—	—	—
Cocolas	»	Sede	17	—	17	—	—	—
»	»	Lipali	40	25	65	—	—	—
Mahones	»	Liciro	25	25	50	—	—	—
Muhavanes	»	Coromane (3)	30	30	60	—	—	—
Manhauas	Milange	Coromane	15	—	15	—	—	—
Nianjas ou Nhanjas	Cuamba	Sede	21	20	41	—	—	—
» » »	Maniamba	Metangula	30	44	74	—	20	20
» » »	»	Cóboè	50	25	75	25	—	25
Aiauas	Vila Cabral	Sede (4)	90	177	267	20	30	50
»	»	Litunde	30	20	50	—	—	—
»	Maniamba	Sede	30	30	60	10	—	10
Mêdos ou Metos	Marrupa	Sede	100	100	200	—	—	—
» » »	Montepuez	Sede	102	102	204	25	20	45
Macondes	Macondes	Muêda	200	102	302	22	22	44
Suàillis	Palma	Sede	180	191	371	32	37	69
Muanes ou Quimuanes	»	»	20	10	30	—	—	—
Totais gerais . . .			1.769	1.447	3.216	336	245	581

(1) Mais 37 Lómuês só a estatura.

(2) Grupos sanguíneos em 103 Alolos.

(3) Mais 105 ♀ só com 5 medidas; nos 60 Muhavanes que figuram no quadro tiraram-se 60 medidas em cada indivíduo.

(4) Grupos sanguíneos em 292 Aiauas.



Itinerário da 4.^a Campanha da Missão Antropológica de Moçambique, realizada de Julho a Outubro de 1946. Trabalhou-se em 14 circunscrições, e mediram-se mais de 3.000 indígenas.

Fig. 1

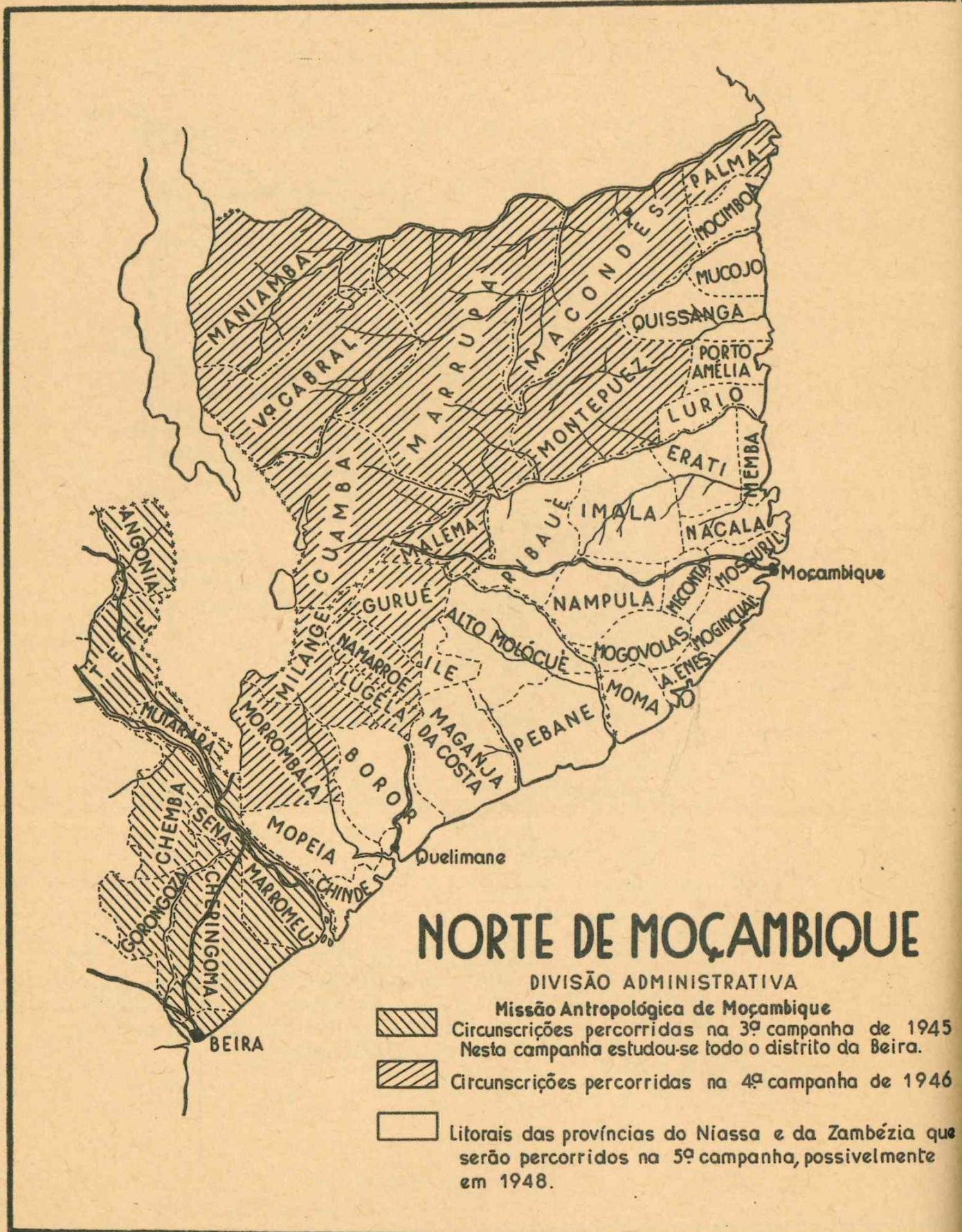


Fig. 2

De um resumo da conferência feita pelo Sr. Dr. ANTÓNIO AUGUSTO, em Nampula, em Outubro de 1946 (1), extracto as passagens que seguem :

«Torna-se necessário dar à educação e ao aproveitamento das populações indígenas nova orientação e novos moldes, em conformidade com as profundas modificações que se estão operando no estado social e económico da Humanidade».

«Essa nova orientação ou reforma exige, porém, o conhecimento científico prévio das diversas tribos negras, observando-as no seu *habitat* e no seu viver actual. Para o fazer criou o Governo a Missão Antropológica de Moçambique».

«O preto não é somente um organismo físico com forças para produzir trabalho ; é também, e acima de tudo, um ser intelectual e moral, dotado de faculdades anímicas que comandam convenientemente as forças físicas, ordenando-as e graduando-as para uma vida mais perfeita e mais feliz. Não basta por isso estudar os seus caracteres somáticos, é preciso estudar também as suas faculdades anímicas, entre as quais a inteligência desempenha o principal papel. Pelo termo «inteligência» entenda-se a capacidade de adaptação a situações novas, entrando em jogo a atenção, a percepção, a compreensão, a imaginação, a memória e outros importantes poderes espirituais».

«Como é sabido, todos estes poderes podem avaliar-se e traduzir-se em números, medindo os seus efeitos comensuráveis provocados por provas a que se deu o nome de «testes».

«Os primeiros testes de inteligência, estabelecidos por Binet, no fim do séc. XIX, têm recebido sucessivos aperfeiçoamentos, tendentes a uma melhor avaliação e a uma mais fácil aplicação».

«Nas medições efectuadas pela 4.^a campanha da Missão Antropológica utilizou-se a escala de Yerkes, que contém 20 testes, a que correspondem 100 valores. O número destes valores obtido por cada indivíduo constitui a sua cota de inteligência».

(1) Cumprindo uma disposição do Decreto que criou a «Missão Antropológica de Moçambique», o qual determina que o chefe ou os seus adjuntos façam lições de interesse geral nas capitais das províncias onde se realizarem os trabalhos de campo, fizeram-se, durante a 4.^a campanha, cinco lições ou conferências, três em Quelimane e duas em Nampula, e mais uma conferência em Lourenço Marques,

«Com a escala de Yerkes avalia-se a inteligência global precisa em todos os ramos de actividade humana; mas um débil mental, mesmo sem capacidade para aprender a ler e a escrever, pode possuir inteligência especial para um determinado ramo de actividade e nele brilhar e ser útil a si e à Nação, competindo aos institutos de orientação profissional a função de descobrir essa espécie de inteligência».

Já foi entregue na Junta o relatório dos trabalhos de Psicotecnia que o Sr. Dr. ANTÓNIO AUGUSTO realizou na 4.^a campanha como adjunto da missão, e por ele elaborado.

Nas medições da inteligência dos indígenas observados obtiveram-se os seguintes resultados :

TRIBOS	CIRCUNSCRIÇÕES	Número de observações	Cotas		
			Máxima	Mínima	Média
Homens	Alolos	26	69	40	49,5
	Tacuanes	8	63	42	51,9
	Lómuès	38	73	32	53,3
	Cherimas	29	72	23	53,8
	Macondes	38	75	31	56,3
	Marenges	21	71	37	60,2
	Aiauas	30	85	46	63,8
	Nianjas	31	86	50	64,8
	Metos	46	92	34	65,3
	Macuas	15	78	54	66,9
	Suàilis	31	78	53	69,4
Mulheres	Lómuès	37	58	8	40,1
	Alolos	6	51	34	45,8
	Aiauas	17	64	38	52,5

As tribos figuram no quadro segundo os valores das médias sucessivamente crescentes. Verifica-se, pois, que nos Homens os Alolos são os menos inteligentes e os Suàilis os mais inteligentes.

Nas Mulheres os valores não concordam com os dos Homens observados nas mesmas tribos. Nestas, as Lómuès são as que deram piores provas, enquanto que os Homens Lómuès ocupam o terceiro lugar na série masculina. A média correspondente às Mulheres Alolos fica sujeita a rectificação, dado o seu pequeno número de casos bem como as dos Tacuanes, Macuas e mulheres Aiauas.

São do Sr. Dr. ANTÓNIO AUGUSTO as conclusões que vão a seguir, as quais inteiramente subscrevo :

«Quando se conhecer bem a média intelectual de cada tribo poderá determinar-se o seu melhor aproveitamento, indagar-se a causa do atraso ou deficiência mental onde for notada e tentarem-se os meios de a remover».

«Se este estudo se tornar extensivo à evolução intelectual da criança indígena até à idade em que esta evolução estaciona, poderá o Governo organizar, com bases seguras, o melhor ensino dos indígenas da colónia e preparar o negro de amanhã para uma vida social e económica mais útil a ele e à Nação».

ARQUEOLOGIA

Como nos demais anos, também na 4.^a campanha se procedeu a pesquisas de ordem arqueológica.

Os números 1 e 2 e 5 a 9 da carta da fig. 3 indicam as estações visitadas.

Monte de Rianè

Riane fica a uns 40 ou 50 km. da sede da circunscrição de Namapa. Nele há um enorme rochedo de granito de ascensão difícil. Ali existe uma pequena gruta ou pala em cujo fundo, constituído por uma rocha negra resultante da diferenciação magmática dos elementos melanocráticos do granito, estão pintados grande número de animais, algumas figuras humanas e sinais geométricos, Estas pinturas foram descobertas há anos pelo agrimensor, Sr. PAIS DA CUNHA.

A par de algumas figurações humanas há múltiplos animais, tais como : Antílopes, Zebras, Rinocerontes e um grande Elefante.

As cores são : vermelho-escuro, vermelho-vivo, vermelho-tijolo e alaranjado.

É muito possível que a cor seja uma só, o vermelho, e as gradações referidas sejam, em parte, devidas à diferente antiguidade das pinturas. Há nítidas sobreposições e pelo menos três ciclos artísticos.

O pavimento da pala é constituído por terreno arenoso sai-



Fig. 3

brento. À superfície encontrei cacos de louça de faiança moderna e algumas moedas de 20 réis do rei D. CARLOS.

Na escavação as primeiras camadas foram estéreis. A uns 30 centímetros apareceu cerâmica em abundância. A 60 centímetros e debaixo de grandes pedras de granito, havia muitos quartzos hialinos lascados. Entre eles vi uma linda ponta espalmada. Levei a escavação até 1^m,50 de profundidade e colhi grande quantidade de instrumentos de quartzo de tipo mesolítico.

Monte Campote

O Monte Campote fica a uns 14 ou 15 quilómetros de Metarica, povoação à margem da estrada de Cuamba a Marrupa.

Da base do monte onde acampámos até ao rochedo de granito em cuja face vertical estão as pinturas, há um desnível de cerca de 60 metros. Todos os sinais foram feitos com tinta vermelha.

Há-os de um vermelho intenso, escuro, cor de borra de vinho, e outros de tom alaranjado.

Há sinais nítidos e outros em que a tinta parece envelhecida e por isso descorada.

As pinturas são do tipo geométrico e parecem-me do mesmo tipo das do Monte Churo, que em 1945 fui ver próximo de Milange.

No Monte Campote abundam também os traços emparelhados aos grupos de dois e de três.

No grupo principal sobressaem dois sinais triangulares com barras ao alto.

As pesquisas e o remeximento da escassa terra existente junto do rochedo pintado foram absolutamente estéreis. Nem um só caco, nem um único fragmento de quartzo lascado.

As pinturas do Monte Campote foram descobertas há anos pelo topógrafo Sr. CASSIANO DE SOUSA.

Marrere

A 46 quilómetros de Mocimboa da Praia, a estrada que segue para Porto Amélia atinge a planura conhecida pelo nome de Ensalo, junto da aldeia indígena de Marrere, régulo FAQUISSAR.

Próximo da povoação de Marrere, dois quilómetros antes de atingir o emboque do Rio Messalo, o terreno apresenta-se formado de pequenos cabeços, de ondulação suave, semeados de calhau rolado miúdo. Ali apanhei algumas dezenas de pequenos instrumentos lascados, de quartzite e de quartzo, que suponho poder filiar no «middle-stone-age complex» sul-africano.

Misse

Na estrada que, não longe do Lago Niassa, segue de N'Gôngoè para Coboè há, logo de entrada, várias cascalheiras ou jazidas com areia quartzosa grossa.

Junto da aldeia indígena chamada Misse, a 17 quilómetros de N'Gôngoè, apanhei uma grande quantidade de instrumentos, regra geral de pequenas dimensões e feitos de quartzo.

Encontrei muitos micrólitos.

Uma peçazinha de quartzo hialino finamente retocada na ponta, é de grande delicadeza de fabrico.

Colhi alguns crescentes, pontas triangulares, faquinhas, pelo menos um buril, etc.

A estação é de fácies clactonense microlítico e pertence também ao «middle-stone-age complex» sul-africano.

Lunguice

A 7 quilómetros de Misse, ou seja a 10 de N'Gôngoè, junto do Rio Lunguice ou Linguice, encontrei uma nova estação lítica deveras curiosa.

Logo de entrada apanhei um grande instrumento, espécie de machado de mão (cutelo?, *coup-de-poing*?) de tipo chelense, e um pequeno *coup-de-poing* muito rolado. Colhi cerca de uma centena de peças pequenas.

Nesta estação há de tudo. Desde o chelense primitivo até aos micrólitos do tipo de WILTON. Há peças roladas e outras de arestas vivas. Há peças esplêndidas, finamente talhadas e retocadas, e outras obtidas por desbaste grosseiro, quase frustes.

Esta estação merece um estudo pormenorizado, o que espero fazer em próxima oportunidade.

N'Gongoé I

Na borda da estrada que vai da sede da circunscrição de Maniamba para o Lago Niassa, a uns 26 quilómetros da sede da circunscrição e a cerca de 3 antes de chegar a N'Gôngoè, vêem-se à direita e à esquerda pequenas ondulações semeadas de cascalho miúdo.

Ali apanhei algumas peças talhadas em quartzo e quartzite que provisoriamente filio no «middle-stone-age complex» sul-africano.

N'Gongoé II

Um quilómetro além de N'Gôngoè, ao lado da estrada que dali segue para Metangula, há ondulações do terreno em pequenos cabeços também semeados de cascalho miúdo.

A colheita a que procedi, em rápida pesquisa, não foi frutuosa.

No entanto, as poucas peças que apanhei levam-me a crer que estamos em presença de mais uma estação do mesmo tipo da anterior, embora mais pobre.

ETNOGRAFIA

Proseguindo na recolha de elementos para o estudo dos usos e costumes dos indígenas de Moçambique, foi sobretudo nos capítulos da alimentação e da habitação que se procurou recolher o maior número de apontamentos.

Estudei o «Mapico», singular batuque dos Macondes, em que figuram Homens com máscaras de pau e indumentária especial.

Filmei o batuque, tirei muitas fotografias para fixar um ou outro pormenor e comprei máscaras e tambores.

Sempre que possível observei e registei tudo quanto dizia respeito a mutilações étnicas.

Assim é que as tatuagens nos mereceram especial atenção. Fizemos bastantes desenhos e tirámos algumas fotografias, especialmente das tatuagens faciais.

Também colhemos múltiplas notas sobre mutilações dentárias, labiais, nasais e auriculares. Procurámos sempre averiguar se as apregoadas marcas de tribo tinham ou não existência real.

De um modo geral, ao menos pelo que pude observar e coligir, a especificidade étnica das marcas tribais, se não deixou inteiramente de existir, está hoje muito atenuada, dado o fácil e confiado actual intercâmbio entre os indígenas, mesmo dos das tribos que há algumas dezenas de anos atrás se guerreavam desapiadadamente.

A medicina indígena, como é bem sabido constitui um importante capítulo da Etnografia africana.

Consegui mais alguns cestos de «Nhabézi», os doutores cafres com seu quê de feiticeiros à mistura.

De entre os apregoados remédios cafraes de que me falaram avulta, pela sua apregoada eficácia, um feito com a casca de certa árvore, e que aplicado nos seios das Mulheres, mesmo já idosas, em 48 horas faz brotar o leite em abundância. É à custa de tal remédio que as avós, aleitam os netinhos que, por desgraça, ficam sem mãe. Afirma-se correntemente, e ouvi-o asseverar a brancos de categoria, que a única condição a observar, para o pleno êxito da medicação, é a de que a avó não tenha atingido a menopausa.

Será assim?

Qual será o princípio activo de miraculosa casca?

Trouxe uns 15 quilos dessa casca, obtida na circunscrição de Inhaminga por interferência solícita do ilustre Governador de Manica e Sofala, Sr. Capitão JOSÉ DIOGO FERREIRA MARTINS.

Essa arroba de casca lactogénea entreguei-a ao distinto Professor de Química da «Faculdade de Medicina do Porto», Doutor ELÍSIO MILHEIRO que não deixará de proceder à meticolosa investigação analítica no sentido de lhe encontrar o princípio ou princípios activos.

Pode dizer-se que não havia nada da vida dos pretos que deixasse de nos interessar.

Tirei muitas fotografias, fiz bastantes desenhos, arqueei nas páginas do meu diário muitos apontamentos respeitantes aos mais diversos aspectos da vida, dos usos e dos costumes dos tribos com que estabeleci contacto.

Alguns desses apontamentos não são mais do que simples indicação para ulteriores e mais pormenorizadas investigações. Outros, porém, são o registo completo de certas práticas, hábitos ou modos de ser, que talvez valha a pena vir a publicar.

Para isso nada mais necessito do que dispor de tempo sufi-

ciente e de pessoal auxiliar para os trabalhos complementares de gabinete.

Mas também para os trabalhos de campo é necessário preparar o indispensável pessoal especializado em cada uma das secções abrangidas pela Missão.

Para os trabalhos da secção de Pre-história, quando se passar da prospecção ao estudo sistematizado de cada uma das estações, será necessário agregar um geólogo.

Na Etnografia há que fazer para uma boa meia dúzia de investigadores. Só os estudos da linguística constituem um vasto e importante capítulo dos estudos etnográficos coloniais cuja complexidade foi posta em evidência, nos seus precisos termos, pelo eminente antropologista Sr. Prof. Doutor MENDES CORRÊA, no livro *Uma jornada científica na Guiné Portuguesa*, publicado pela «Agência Geral das Colónias».

Assim, a pág. 99, refere que só na África Ocidental Francesa se falam actualmente mais de quatrocentas línguas diversas. A linguística africana constitue uma vasta matéria que no «parecer autorizadíssimo» de HOMBURGER é apenas «uma ciência nascente». Para muitas das línguas africanas não há sequer a colheita de vocabulário, e para aquelas em que tal colheita se fez, esses elementos não merecem confiança. Não se pode fazer juízo por eles. Foram colhidos por pessoas desprovidas da mais elementar preparação para tais colheitas. E o Prof. MENDES CORRÊA acrescenta: «Sucedem que não só é difícil o estudo das gramáticas indígenas, da construção das frases, etc., como a própria colheita dos vocábulos pelo ouvido é imperfeitíssima, escapando ao colector gradações importantes, embora quase imperceptíveis, e tornando-se assim necessários aparelhos de registo fonético, sem cujo emprego a tarefa ficará incompleta e mesmo destituída de rigor».

Na verdade, como escreveu o mesmo Professor (pág. 100 do referido livro): «Não se compreende hoje o estudo de línguas indígenas sem especialização e sem um instrumental técnico adequado».

É do conhecimento geral o interesse imediato do estudo das línguas indígenas para o estabelecimento de relações com os negros.

O preto é um conversador emérito. Toda a gente sabe que em torno de uma fogueira, quando faz frio, ou à sombra de

árvores frondosas, se dispõem rodas de pretos durante horas e horas fumando e conversando.

Conversar com um preto é darmos-lhe uma prova de deferência que o sensibiliza. Falar-lhe na própria língua enche-o de satisfação. Se lhe podemos falar na sua língua é quase certo que dele teremos todos os esclarecimentos. Se de entrada ele é reservado, dentro de pouco, lisongeadado por lhe falarmos no seu idioma, perde a desconfiança e abre-se connosco, com os brancos, escancarando-nos a alma, desvendando-nos segredos e mistérios da sua complicada vida de sociedade, com etiqueta rígida e hierarquia assente, vida enredada quase sempre pelas malhas dum fetichismo dominante.

Para o estudo de certos capítulos da Etnografia é absolutamente imprescindível o conhecimento perfeito da língua.

Mas a Linguística dos negros de África é também matéria do maior interesse científico pelo auxílio valioso que presta no esclarecimento de grande número de problemas etnológicos, tais como de origens, parentescos e migrações.

Os estudos de Linguística devem, pois, ser considerados quer no imediato interesse da exploração económica de qualquer região das nossas colónias africanas, quer no aspecto de ciência subsidiária da Etnografia, nos seus capítulos da Noologia e da Sociologia, bem como até da Antropologia Física, para o apuramento ou reforço de certas semelhanças ou destrinças tribais, insuficientemente alicerçadas no complexo polimorfo dos caracteres morfológicos ou somáticos.

SELIGMAN, DELAFOSSE, JOHNSTON, HOMBURGER e outros, realçaram, de forma bem clara e precisa, o altíssimo interesse dos estudos linguísticos. Urge proceder a esses estudos com pessoal convenientemente adestrado e aparelhagem de registo fonético apropriado.

Temos entre nós um autorizado especialista em Fonética, o Doutor ARMANDO DE LACERDA, distinto Professor da «Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra». Ele, melhor que ninguém, pode preparar no seu laboratório, alunos da «Escola Superior Colonial», seminaristas, padres missionários, ou funcionários dos quadros coloniais, que sejam mais tarde preciosos elementos para o estudo conveniente das línguas indígenas.

Como complemento transcreverei o que o Senhor Prof. Dou-

tor MENDES CORRÊA escreveu a pág. 189 do seu livro *Uma jornada científica na Guiné*.

«A linguística e a música indígenas não dispensam hoje, num estudo devidamente rigoroso e profundo, a utilização de aparelhagem de registo fonético que só pode ser manuseada ou orientada com eficácia por especialistas competentes».

Hoje ninguém duvida da necessidade do estudo concomitante da Antropologia e da Linguística.

A cooperação dos filólogos para o esclarecimento de múltiplos problemas de origem e de parentesco de um grande número de tribos de negros de Moçambique, é, quanto a mim, do mais alto interesse.

Impõe-se a organização dum quadro de investigadores que possam levar a cabo a importante tarefa do estudo sistematizado das línguas indígenas de Moçambique.

Sem cairmos no exagero de MAX MÜLLER, e sobretudo dos seus discípulos, que levaram a excesso desmedido a aplicação do critério linguístico na classificação da humanidade, identificando a língua com a raça, o que é certo é que o elemento linguístico é hoje, quase imprescindível para o estabelecimento perfeito e seguro do total das características étnicas de qualquer das tribos de pretos de Moçambique.

O insigne antropologista brasileiro GILBERTO FREYRE criticando a «teoria ariana» de MÜLLER, refere que o próprio Autor da teoria, mais tarde, corrigindo o erro inicial, escreveu: «falar em antropologia, de raça ariana, de sangue ariano, de olhos arianos, é o mesmo que em filologia falar de dicionário dolicocefalo ou gramática braquicefala».

A Antropologia física ou Somatologia e a Linguística têm que dar-se as mãos, para, num perfeito acordo de pontos de vista, trabalharem paralelamente.

Convencido da necessidade desta colaboração procurei agregar como ajudante à 3.^a campanha (1945) da «Missão Antropológica de Moçambique» o distinto filólogo P. ANTÓNIO ALVES DA CRUZ, S. J., infelizmente já falecido.

Missionou durante alguns anos em Tete, onde estudou especialmente o *Chi-Nhúngüè* e o *Chi-Senga*. Posteriormente tirou um curso de língua árabe em Beiruth. Foi pena que a doença não lhe tivesse permitido aceder ao convite que insistentemente lhe fiz. Em conversas que tive com este ilustre jesuíta e nas cartas que

dele tenho, em paralelo com as saudades da Zambézia e a mágua de não poder acompanhar-me, sempre transparecia vivo e fremente o alto sentido patriótico que punha e sentia nos estudos que se lhe pedia para realizar, o que mais fazia crescer a mágua de não poder acompanhar-me e prosseguir nos estudos da sua especial predileção.

Posteriormente, na 3.^a campanha (1945), agreguei como ajudante, especialmente encarregado da Linguística, o funcionário do quadro administrativo da colónia de Moçambique, Sr. SILVESTRE SÉRGIO ALVES. É manifesto o gosto que este distinto funcionário tem revelado pelo estudo das línguas indígenas.

Numa troca de impressões com o Senhor General JOSÉ TRISTÃO DE BETTENCOURT, que foi ilustre Governador Geral de Moçambique, foi posta a hipótese do Sr. SÉRGIO ALVES ir frequentar os «Serviços de Filologia» do Prof. LESTRADE, o notável linguísta da Universidade do Cape Town que fala nada menos de 30 línguas, a grande maioria delas dialectos de línguas bantos, e com quem à minha passagem pela cidade do Cabo, em 1937, troquei impressões sobre a preparação nos seus serviços de auxiliares a enviar de Moçambique. Aquele ilustre Professor acolheu com todo o entusiasmo a minha sugestão.

Infelizmente o Sr. SÉRGIO ALVES não aceitou o convite que lhe foi feito pelo Senhor General TRISTÃO DE BETTENCOURT para estagiar nos serviços do Prof. LESTRADE.

Foi pena. Ter-se-ia preparado um funcionário da colónia para estudar convenientemente as línguas indígenas, pelo menos das circunscrições onde fosse exercer a sua actividade no quadro administrativo.

A «Missão Antropológica de Moçambique» vive desde 1936. Foi seu criador o Sr. Dr. FRANCISCO VIEIRA MACHADO. Posteriormente o Sr. Prof. Doutor MARCELO CAETANO não lhe negou o seu amparo valioso. O actual ilustre Ministro das Colónias Sr. Capitão TEÓFILO DUARTE tem-lhe dado, e seguramente continuará a dar-lhe, o impulso e o desenvolvimento que a importância extraordinária dos seus estudos lhe confere. Esquecer o carinho, a solicitude e o inteligente interesse que por ela sempre tem manifestado o ilustre Sub-Secretário de Estado Sr. Eng.º SÁ CARNEIRO seria ingratidão.

A todos manifesto, como chefe da Missão, o testemunho sincero da minha muita gratidão.

LISTA DOS TRABALHOS DA MISSÃO ANTROPOLÓGICA
DE MOÇAMBIQUE

- GRUPOS SANGUÍNEOS NOS INDÍGENAS DE TETE (ZAMBÉZIA). — Publ. nos *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, vol. VIII, fasc. II, Porto, 1937.
- 1.^a CAMPANHA DA MISSÃO ANTROPOLÓGICA DE MOÇAMBIQUE. — Conferência na «Sociedade Portuguesa de Antropologia», Porto, 5 de Fevereiro de 1937.
- HIPOFALANGIA E HEXADACTILIA EM INDÍGENAS DA ZAMBÉZIA PORTUGUESA. — Trabalho apresentado à *V Reunião da Sociedade Anatómica Portuguesa*, Coimbra, 21 de Abril de 1937.
- CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA IDADE DA PEDRA EM MOÇAMBIQUE — A ESTAÇÃO LÍTICA DA MARISSA (TETE). — Publ. no documentário trimestral *Moçambique*, Lourenço Marques, Dezembro de 1937.
- 2.^a CAMPANHA DA MISSÃO ANTROPOLÓGICA DE MOÇAMBIQUE. — Conferência na «Sociedade Portuguesa de Antropologia», Porto, 1 de Abril de 1938.
- SOBRE TATUAGENS EM RELEVO NOS INDÍGENAS DA ZAMBÉZIA. — Trabalho feito de colaboração com o Prof. Doutor JÚLIO BETHENCOURT FERREIRA e apresentado à *VI Reunião da Sociedade Anatómica Portuguesa*, Porto, 30 de Abril de 1938.
- PINTURAS RUPRESTES DO CHIFUMBÁZI. — Publ. no documentário trimestral *Moçambique*, Lourenço Marques, Março de 1938.
- MOÇAMBIQUE, EPOPEIA GLORIOSA DO ESFORÇO LUSIADA. — Conferência na Semana das Colónias, Porto 1938.
- HISTÓRIA DA DESCOBERTA, OCUPAÇÃO E CONQUISTA DE MOÇAMBIQUE. — Conferência na Semana das Colónias, Porto 1938.
- ANOMALIAS DOS MEMBROS EM NEGROS DA ZAMBÉZIA PORTUGUESA. — Publ. no documentário trimestral *Moçambique*, Lourenço Marques, Março de 1939.
- MISSÃO ANTROPOLÓGICA DE MOÇAMBIQUE — DUAS CAMPANHAS DE TRABALHOS — Conferência na «Associação dos Arqueólogos», Lisboa, 2 de Junho de 1938.
- RELATÓRIO DA MISSÃO ANTROPOLÓGICA À ÁFRICA DO SUL E A MOÇAMBIQUE — 1.^a CAMPANHA DE TRABALHOS. — Publ. nos *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia*, vol. VIII, fasc. III-IV, Porto 1938.
- MISSION ANTHROPOLOGIQUE DE MOZAMBIQUE. — Publ. *Revue Anthropologique*, n.º 7-9, Juillet-Septembre 1939. Paris, 1939.
Resumo de uma conferência feita em Paris no «Instituto International d'Anthropologie» em 9 de Novembro de 1939.
- MISSÃO ANTROPOLÓGICA DE MOÇAMBIQUE — 2.^a CAMPANHA; AGOSTO DE 1937 A JANEIRO DE 1938. — Publ. pela «Agência Geral das Colónias», Lisboa 1940.
- PRE-HISTÓRIA DE MOÇAMBIQUE. — Publ. no I Volume dos *Congressos do Mundo Português — Pre-história e Proto-história*, Lisboa 1940.
- MUSEU COLONIAL. — Publ. no Volume XIV dos *Congressos do Mundo Português, Congresso Colonial*, Lisboa 1940.

- ALGUNS «MUZIMOS» DA ZAMBÉZIA E O CULTO DOS MORTOS. — Publ. no Volume XIV dos *Congressos do Mundo Português, Congresso Colonial*, Lisboa 1940.
- MISSÃO ANTROPOLÓGICA DE MOÇAMBIQUE — ALGUNS RESULTADOS DE DUAS CAMPANHAS. — Trab. apresentado ao *Congresso de Saragoça da Associação Espanhola para o Progresso das Ciências*, em Dezembro de 1940.
- PRE-HISTÓRIA DE MOÇAMBIQUE. — Conferência feita na «Universidade Central de Madrid» em 26 de Maio de 1941.
- OS NEGROS DE MOÇAMBIQUE E ESPECIALMENTE DA ZAMBÉZIA. — Conferência feita na «Universidade Central de Madrid» em 28 de Maio de 1941.
- ON THE PREHISTORY OF MOZAMBIQUE. — Publ. no documentário trimestra *Moçambique*, Lourenço Marques, Dezembro de 1941.
- MISSÕES ANTROPOLÓGICAS. — Publ. nas *Actas do 1.º Congresso Nacional de Ciências Naturais*, Lisboa 1941.
- Este trabalho foi apresentado em sessão plenária do referido Congresso.
- MAMÍFEROS ANÓMALOS DO MUSEU ÁLVARO DE CASTRO (LOURENÇO MARQUES — MOÇAMBIQUE). — Trabalho apresentado à *VII Reunião da Sociedade Anatómica Portuguesa*, feita em Lisboa em Junho de 1941.
- CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO ANTROPOLÓGICO DOS ANTUMBAS (ZAMBÉZIA). — Trab. levado à 2.ª secção do *Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*, efectuado no Porto em Junho de 1942.
- MOÇAMBIQUE EPOPEIA GLORIOSA DO ESFORÇO LUSIADA. — Palestra lida ao microfone da «Emissora Nacional», Lisboa, em 20 de Abril de 1943.
- SOBRE ALGUNS CARACTERES FACIAIS E RESPECTIVAS TABELAS DE APRECIÇÃO ANTROPOLÓGICA. — Trab. apresentado ao *Congresso Anatómico Luso-Espano-Americano*, reunido em Santiago de Compostela, de 11 a 15 de Outubro de 1943.
- CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA ANTROPOLOGIA DE MOÇAMBIQUE — NHÚN GŨÈS E ANTUMBAS. — Tese de doutoramento na «Universidade do Porto», 1944.
- TATUAGENS DE INDÍGENAS DE TETE. — Comunicação ao *Congresso da Associação Espanhola para o Progresso das Ciências*, Cordoba, Outubro de 1944.
- CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA ANTROPOLOGIA DE MOÇAMBIQUE — ALGUMAS TRIBUS DO DISTRITO DE TETE. — Publicado no Porto em 1945.
- À CERCA DA ORIGEM DAS PALAFITAS AFRICANAS NA REGIÃO DE GAZA (MOÇAMBIQUE). — Publicado nos trabalhos da *Sociedade Portuguesa de Antropologia*, vol. X, fasc. III-IV, Porto 1945.
- MISSÃO ANTROPOLÓGICA DE MOÇAMBIQUE. — Publ. na Revista *Las Ciências*, de Madrid, año IX, n.º 3. Madrid, 1944.
- CONTRIBUTION A L'ÉTUDE DE L'ANTHROPOLOGIE DE MOZAMBIQUE — QUELQUES TRIBUS DU DISTRICT DE TETE (Résumé). — Publ. no Porto em 1945.
- CONTRIBUTION TO THE STUDY OF ANTHROPOLOGY OF MOZAMBIQUE — SAME TRIBES OF THE TETE DISTRICT (SUMARY). — Publ. no Porto em 1945.
- ANTROPOLOGIA COLONIAL. — Conferência feita na cidade da Beira (Moçambique) em 9 de Novembro de 1945.
- COMO SE DEVE ESTUDAR UM PRETO. — Lição sobre o modo (exemplificando

com um indígena) como se observam os caracteres descritivos e se tiram algumas medidas do maior interesse antropológico. Esta lição foi feita na Beira em 9 de Novembro de 1945.

ANTROPOLOGIA DOS NEGROS DE MOÇAMBIQUE — APRECIÇÃO DOS SEUS CARACTERES SOMÁTICOS — Conferência feita em Quelimane no dia 8 de Agosto de 1946.

COMO SE DEVE ESTUDAR UM PRETO SOB O PONTO DE VISTA ANTROPOLÓGICO. — Lição feita em Quelimane no dia 9 de Agosto de 1946. Esta lição foi semelhante à efectuada na Beira em Novembro de 1945.

ANTROPOLOGIA COLONIAL. — Conferência feita em Nampula no dia 6 de Outubro de 1946. Semelhante nas suas linhas gerais à feita na Beira em Novembro de 1945.

MUZIMOS DO VALE DO ZAMBEZE COMO MANIFESTAÇÃO DO CULTO DOS MORTOS. — Conferência no «Club de Trás-os-Montes e Alto-Douro», em Lourenço Marques, 25 de Outubro de 1946.

MISSÃO ANTROPOLÓGICA DE MOÇAMBIQUE. — Resumo da 4.^a campanha da Missão Antropológica de Moçambique, *Anais da Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais*, vol. I, 1946.

CAMPANHAS ANTROPOLÓGICAS EM MOÇAMBIQUE. — Conferência feita na «Escola Superior Colonial», Lisboa 24 de Maio de 1947. Esta conferência foi presidida pelo Sr. Prof. Doutor MENDES CORREIA.

ALGUNS ASPECTOS DA 4.^a CAMPANHA DA MISSÃO ANTROPOLÓGICA DE MOÇAMBIQUE (1946). — Conferência feita na «Faculdade de Ciências» em reunião da «Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais», Lisboa 20 de Março 1947. Esta conferência foi presidida pelo Sr. Prof. Doutor ANTONIO CÂMARA.

ANOMALIAS PODODIGITAIS DA TRIBO DOS DEMAS. — Publ. na homenagem ao ilustre anatómico e distinto Professor da «Faculdade de Medicina do Porto», Doutor JOAQUIM ALBERTO PIRES DE LIMA, Porto 1947.

ASPECTOS DE FLUTUAÇÃO DEMOGRÁFICA EM INDÍGENAS DE MOÇAMBIQUE. — Trabalho em publicação na homenagem ao Prof. MARTINEZ SANTA-OLALLA

Estes 44 trabalhos e conferências foram efectuados pelo Doutor SANTOS JÚNIOR, chefe da «Missão Antropológica de Moçambique».

Além destes trabalhos está publicado :

DA TATUAGEM «NEMBO» ENTRE OS WA-YAO — por MIGUEL JOSÉ VIANA. Este trabalho foi feito por sugestão e orientação do chefe da «Missão Antropológica de Moçambique». O Autor estava em 1946 como chefe de posto em Muenbe. O trabalho foi publicado pela «Agência Geral das Colónias».

e em publicação :

MUTILAÇÕES AURICULARES NA TRIBO DOS SUAILIS — pelo ajudante da Missão

JOAQUIM NORBERTO DE CAMPOS RODRIGUES DOS SANTOS. Este trabalho está em publicação na homenagem ao Professor madrileno MARTINEZ SANTA-OLALLA.

e em preparação :

- MICROCÉFALA DA TRIBO GORONGOSA — por SANTOS JÚNIOR.
 ÍNDICE CEFÁLICO NOS PRETOS DE MOÇAMBIQUE E TENTATIVA DE ELABORAÇÃO DE UMA CARTA DE ISARITMAS — por SANTOS JÚNIOR.
 BANTOS ORIENTAIS E BANTOS MERIDIONAIS — por SANTOS JÚNIOR.
 SOBRE ALGUNS CARACTERES DESCRITIVOS EM ANTROPOLOGIA — por SANTOS JÚNIOR.
 ANÃO DA TRIBO MACHANGANE — por Ten. SIMÕES ALBERTO.
 CORRELAÇÃO ENTRE A ESTATURA E O ÍNDICE CEFÁLICO EM MACHANGANES — por Ten. SIMÕES ALBERTO.
 IMPRESSÕES DERMO-PAPILARES DOS NEGROS DE MOÇAMBIQUE — I. FIGURAS DIGITAIS DA ÚLTIMA FALANGE — por J. NORBERTO C. RODRIGUES DOS SANTOS.
 NOTAS SOBRE O ÍNDICE ESQUÉLICO NALGUNS NEGROS DE MOÇAMBIQUE. — por J. NORBERTO C. RODRIGUES DOS SANTOS.
 ASSIMETRIA DE DESENVOLVIMENTO DOS MEMBROS EM NEGROS DE MOÇAMBIQUE — pela Licenciada IRENE DA CONCEIÇÃO GARCIA, assistente da «Secção de Zoologia e Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto».
 MEDIÇÕES DE INTELIGÊNCIA EM INDÍGENAS DA ZAMBÉZIA E DO NIASSA — pelo Dr. ANTÓNIO AUGUSTO, adjunto para os estudos de Psicotecnia na 4.^a campanha da Missão (1946).
 NOTAS ETNOGRÁFICAS DE NEGROS DE MANICA E SOFALA — por SOARES DE CASTRO, ajudante da 3.^a campanha da Missão (1945).
 CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA TATUAGEM DOS NEGROS DE MANICA E SOFALA — por CÂNDIDA PESSANHA SOARES DE CASTRO, auxiliar voluntária da 3.^a campanha da Missão (1945).

biblioteca
municipal
barcelos



4602

Alguns aspectos da 4.^a
campanha da missão antropol